

Metanoia Gnoseológica e As Mãos do Escher

MD Magno

Seção de *SóPapos 2021*,
realizada em 19 de junho.

15. Teoria do Conhecimento: Metanoia Gnoseológica de agora não coloca barreiras distintivas nos conhecimentos – Conhecimento: resultante utilizável de qualquer transa entre formações – Tarefa da psicanálise: pragmatista – Clínica pessoal ou Clínica Geral são a prova dos nove da ciência do Inconsciente – Duas posturas de conhecimento: indução e abdução – A semiologia é uma teoria das formações – NovaMente: pragmatismo instrumentalista, positivismo gnoseológico sem metafísica. **16.** Todo conhecimento depende do que se passa entre *As Mãos do Escher* – Obra de Escher: constituição, o mais possível geométrica, de transa de formações – A Teoria da Informação é um caso da Teoria das Formações.

15

O foco hoje será colocado sobre *Teoria do Conhecimento* em termos de Teoria das Formações.

Outro dia, na chamada CPI da Covid, uma jovem médica defensora da vacina, etc., com a visão bastante antiga e defendendo a ciência, pedia que se partisse da distinção entre fato e opinião. Algo

interessante, mas completamente datado. Já não há mais possibilidade de fazer com alguma precisão essa distinção. Os paradigmas faliram, e esse tipo de paradigma é de vertente antiga. Um pedido desses, que parece conduzir a uma situação mais respeitável em relação à chamada ciência, não colabora com nada. É uma pena.

Podemos considerar *conhecimento* a resultante utilizável de qualquer transa entre formações. Não apenas do conhecimento científico, que costuma ser assim denominado pelas chamadas epistemologias. O conhecimento será maior ou menor, mais ou menos preciso, em função do refinamento da transa entre aquelas formações. Ao contrário da paranoia epistemológica do século XX, a **metanoia gnoseológica** de agora não coloca barreiras distintivas nos conhecimentos. O conhecimento é gradual. Ao invés de distinções, consideram-se gradientes. Isto, desde os conhecimentos primitivos até a mais requintada e abstraída das teorias da física contemporânea. Nem epistemologia, nem hermenêutica. Não existe nenhum “espelho da natureza”, como já apontou Richard Rorty (1979). Para a psicanálise, o que existe é a transa entre as formações. É *Phrónesis* contra *episteme*. Todo conhecimento só pode ser progressivo e em gradientes, desde o mais primitivo gesto, ou gesticulação, por uma crença ingênua até a mais refinada e sofisticada dita teoria científica – tudo é conhecimento. Toda transa entre formações resulta em conhecimento.

A psicanálise, em sua tarefa – que, em última instância, é clínica e, portanto, repercute em suas posições teóricas –, não pode não ser pragmatista. Não há outra posição para ela. Teoria alguma psicanalítica interessa se não mantiver o sentido da *cura*. Portanto, do exercício da clínica. Portanto, uma prática em busca de resultados. Freud, Lacan e *tutti quanti* só interessam ao exercício da clínica. Clínica pessoal ou Clínica Geral são a prova dos nove da ciência do Inconsciente. Não pode não ser um pragmatismo, repito. Tomem contato com os iniciadores e desenvolvedores da ideia de pragmatismo. Parece que começa com Charles Sanders Peirce, que viveu entre 1839 e 1914. Há, em seguida, alguém menos conhecido e também menos interessante para nós, Josiah Royce, membro do idealismo americano, que tem Hegel demais na cabeça e viveu entre 1855 e 1916 – portanto, contemporâneo de Peirce. O grande nome que vem a seguir é o do filósofo John Dewey, que tinha vinte anos a menos que Peirce e viveu de 1859 a 1952. Ele encarava a filosofia, e a definia assim, como uma reflexão sobre a experiência dos homens no mundo, o que é bem mais abrangente do que qualquer ideia epistemológica. Aluno direto de John Dewey foi o meu mestre Anísio Teixeira, que viveu entre 1900 e 1971. Nos Estados Unidos, houve uma rebarba pragmatista com o filósofo Richard Rorty, que chamava seu trabalho de neo-pragmatismo e viveu de 1931 a 2007. Em sua obra, estabeleceu uma intensa e permanente guerra com a filosofia.

Ele concebia seu pensamento da filosofia como tratando com um mundo sem referenciais fixos – o que é bastante mais próximo da ideia de Quarto Império.

Para o pragmatismo, a validade de uma doutrina é determinada por seu êxito prático, por servir para alguma coisa. Mesmo que não ache aplicações exatas, uma teoria pode ficar em suspenso esperando por isso o tempo que for preciso. Mas é ao achar sua aplicação que ela nos servirá. Então, o pensamento pragmatista que temos na clínica psicanalítica exige consequências práticas. Uma afirmação sem relação com a experiência passa a não ter sentido. Algo importante no pensamento pragmatista, bem trabalhado e explicado por Peirce, é a diferença entre *indução* e *abdução*, que para nós em análise interessa muito. São duas posturas diversas de conhecimento. Para a *indução*, o pensamento indutivo, tudo que fazemos é generalizar a partir de um número de casos sobre os quais algo é verdadeiro e inferir que o mesmo é provavelmente verdadeiro sobre toda uma classe. O pensamento indutivo é o mais utilizado e recomendado. Segundo Peirce, na posição de *abdução* – que é parecida com o que chamamos de *sacação* – passamos da observação de certos fatos à suposição de um princípio geral que, se fosse verdadeiro, contaria como, isto é, explicaria os fatos inferindo o que eles são. A mais importante manifestação da *abdução* é o processo de chegar a uma hipótese. Notem que, no trato analítico, é bem mais frequente a *abdução* do que

a indução. No estabelecimento da teoria, a indução é importante, mas, no trato da análise, a abdução é mais frequente: manter a observação dos fatos psíquicos no sentido de destacar uma hipótese. Isto, mesmo para produzir a teoria psicanalítica. Podemos, então, dizer que a indução é raciocinar de particulares para uma lei geral. Já a abdução raciocina dos efeitos para as causas: observa os efeitos e faz hipóteses sobre suas causas. A indução classifica as coisas, a abdução explica. É parecido com o famoso “Freud explica”. A posição pragmatista diz que a ciência é fruto da busca concreta de um grupo real de acontecimentos, sendo assim algo em perene e persistente crescimento – *work in progress*. Qualquer definição precisa e acabada deve ser evitada. A ciência para Peirce é, pois, conhecimento em movimento. Ou seja, não é uma definição epistemológica, e sim o resultado do desejo do cientista. É uma postura mais parecida com a nossa.

Como sabem, esse pessoal do pensamento pragmatista, sobretudo Peirce, é fundador da semiótica. Toda anamnese – e isso é pensável em clínica psicanalítica – é uma semiótica. Não gosto deste termo por parecer semi-ótica, um olho que enxerga pela metade. Prefiro o termo mais usado pelos europeus: semiologia. A semiologia médica, por exemplo, é muito antiga na formação dos clínicos e, portanto, presente nas mais antigas faculdades de medicina do mundo. Sem essa percepção abdutiva semiológica do médico, ele não fará diagnóstico algum. Já a semiologia geral é a visão geral dos sinais e

sintomas, que começa na Europa depois de Saussure como ciência geral dos signos. *Sêmeion*, em grego, quer dizer sinal, signo. Na década de 1970, eu trabalhava numa editora universitária de livros e criei uma coleção com esse nome. Se consideramos a obra de Freud, veremos que ele sempre buscou uma compreensão semiológica das formações do Inconsciente. Lacan, no abandono da semiologia, entrou fazendo referências diretas à linguística como uma semiologia muito particular até à chegada da abstração de seu (não de Saussure) conceito de significante.

Eu estou de retorno à semiologia reconsiderada como Teoria das Formações, a qual pode ser considerada um abrangente da semiologia. Durante anos, fui professor de semiologia em várias faculdades: PUC, Hélio Alonso, Estácio, Eco/UFRJ. Na linhagem europeia, temos: Saussure, Barthes, Eco... Na América, o pragmatismo com Peirce, William James, Dewey... Pergunto: a Teoria das Formações é uma semiologia? Não! A semiologia é que é uma teoria das formações. Qualquer semiologia depende, primeiro, de uma teoria das formações. Então, não é que estejamos subditos à ordem semiológica, e sim que ela é considerada por nós no cerne da Teoria das Formações. Isto porque a Teoria das Formações inclui o pensamento freudiano mais grande quantidade de conhecimentos paralelos além da conhecida semiologia. Posso, então, dizer que a Nova Psicanálise, ou

NovaMente, é um pragmatismo instrumentalista, um positivismo gnoseológico sem metafísica. Ou seja: metapsicologia freudiana.

16

Tentarei, então, agora, introduzir o que pode ser nossa **teoria do conhecimento**.

Enviei a vocês a reprodução da litogravura de Escher, *Mãos Desenhando* [*Drawing Hands*] (1948). Escher viveu de 1898 a 1972, é bem contemporâneo nosso (e também de Anísio Teixeira). Estudem toda sua obra, é fundamental. Seu pensamento é plástico, sobretudo através de gravuras. Nele, iremos entender o quê?: Metamorfozes, anamorfozes, revirões aos montes... Tecnicamente, ele se baseia na arte muçulmana, que não tem figuras, só construções geométricas. Sua obra tem figuras, e porque as tem vemos claramente o que é um Revirão. Há, por exemplo, anjo e demônio como dois alelos do mesmo Ponto Bífido (*Limite Circular IV*, 1960): xilogravura com uma configuração em que anjos e demônios são avessos um do outro sobre a mesma superfície plana. São: várias viragens, uma coisa vira na outra; inúmeras bifididades; a unilateralidade (suas gravuras sobre a banda de Moebius apresentam o pensamento unilateral); o conceito de nodulação, que Lacan usou demais; e a retomada da perspectiva exata

do renascimento mediante deformações que mantêm e anulam a ideia de perspectiva (como se mostrasse aquilo figurado e geometrizado euclidianamente e não euclidianamente) – é a geometrização euclidiana e não euclidiana do Inconsciente.

Digo, então, que, para nossa teoria do conhecimento – que não é epistemologia ou hermenêutica –, devemos tomar a gravura *Mãos Desenhando* como um dos mais sutis pensamentos de Escher – mediante o pensamento plástico, é claro. São: *As Mãos do Escher*. Ele desenha um aglomerado sobre o qual está desenhada uma folha de papel presa com quatro tachinhas. Neste papel, desenhado sobre o desenho do aglomerado, desenha duas mãos, cujo modelo são as mãos dele mesmo (por isso, disse que são as mãos do Escher). Ele começa a desenhar os punhos da camisa em termos estritos de um desenho sobre o papel e, à medida que vai evoluindo, o desenho vai saindo do papel. É o efeito plástico que ele dá: o desenho transborda o papel e vai parar sobre o aglomerado como se as mãos estivessem saindo do desenho e se tornando realidade. Isto interessa, pois como se constitui uma realidade? Exatamente assim – uma realidade não é senão isso: essa construção nova que sai da articulação dos pensamentos se constitui como exemplar da realidade. Mas esse trabalho de Escher, juntamente com todos os outros, é mais importante do que isso.

O que se concerta com essas mãos na gravura de Escher? Temos **a mão que desenha a mão que a desenha. Esta é a teoria do**

conhecimento de Escher, de que me aproveito para ser a minha teoria do conhecimento. Com isto, estou dizendo que todo conhecimento, de qualquer tipo, de qualquer nível ou qualquer valor, depende do que se passa entre as mãos de Escher. É uma concepção que me parece radicalmente nova da teoria do conhecimento em função da Teoria das Formações. E o que acontece entre as mãos de Escher? O mesmo que acontece na produção de qualquer conhecimento, de qualquer tipo, nível ou valor, que são formações que produzem as formações que o produzem. Existem formações do lado de cá, nossas, que estão em transa com formações do lado de lá, seja o que forem lado de cá e de lá. As formações do lado de cá estão tentando desenhar formações que lhes parecem estar do lado de lá. Acontece que as formações do lado de lá, seja qual for sua realidade real, digamos assim, só expõem para formações que as podem considerar. Então, elas só se constituem mediante a constituição das formações de cá. Por isso, o conhecimento é tão difícil e tão precário, passa por formações primitivas singelas e pode chegar a formações sofisticadas. Tudo depende do que as formações de cá podem destacar nas formações de lá – as quais, nessa transa, começam progressivamente a se mostrar a novas composições mediante o funcionamento e a transação interna das formações de cá. E as formações de cá participam de um grande acervo de formações que pode se modificar à medida que as formações de lá mudam. Isto porque são consideradas por outras novas formações. Elas não

mudaram, mas começam a se apresentar de outra maneira. Então, elas, que estão desenhando minha ideia daquelas formações, estão desenhadas por minhas concepções pelas formações que me constituem. Uma mão desenhando a mão que a desenha. Nunca vi coisa mais brilhante em termos de teoria do conhecimento, o que está completamente de acordo com nosso tempo. Epistemologia e hermenêutica acabaram, estamos entrando numa nova era de pensamento.

Generalizemos o termo *científico*. A ciência do homem primitivo, repito, também é ciência. Foi o conhecimento que ele produziu. É precário, simplório, pobrezinho, mas foi produzido do mesmo modo: tomando o acervo de formações de cá, aplicando sobre o complexo de formações que estão se apresentando diante dessas formações. E numa transa tal que o conjunto desse acervo modifica o comparecimento do outro no outro, que, no que comparece, modifica o comparecimento de cá: a mão que desenha a mão que a desenha. Cientistas e epistemólogos deviam ter olhado Escher a tempo.

Quanto a nós, precisamos desenvolver muito a Teoria das Formações e testá-la cada vez mais. Nosso próximo Mutirão de Estudos será justamente sobre a Teoria das Formações – mãos à obra! Como um Escher.

• Patrícia Netto Coelho – *A propósito da abdução e da semiologia, lembro-me de sua teoria dos signos (1989), em que há*

modificações tanto em relação à linguística quanto à própria semiótica. Assim, a ideia de Gnomos como uma formação de formações do Haver arroláveis na formação Significante / significado também pode ser lida a partir da análise que você fez da litografia de Escher. Isto porque, à medida que outras formações do Haver são arroláveis pelo signo, haveria ali também uma metamorfose desse signo.

A realidade começa a entrar em metamorfose. O que acontece é que ela, por isso, desenha o lado de cá que também entra em metamorfose. E o conhecimento depende de metamorfose, anamorfose e de todas essas transposições de configurações que se dão na transa da mão de lá com a de cá. Essa é a teoria gráfica de Escher. Em geral, o melhor que dizem os autores é que é paradoxal, mas não há paradoxo algum na obra de Escher. O que há é, sim, constituição, o mais possível geométrica, de transa de formações. Ele fica muito impressionado com a trama dos desenhos da arte muçulmana que, proibida de representar a figura humana, partiu para um geometrismo quase delirante. Escher não segue essa linha e insere a figuração de maneira bífida, sempre com Revirão.

• PNC – *É possível comparar o que ele fez com a temática árabe com o que você fez com a nosologia? Tínhamos lá um sistema classificatório, indutivo – não foi por abdução que se chegou às categorias nosológicas (psicose, neurose e perversão) –, e você,*

mediante a Tópica do Recalque, constitui a Patemática (2005) como descrição e explicação segundo uma perspectiva não apenas dinâmica como também econômica. A ênfase está mais na transformação do que nos estados que, estes, são aqueles considerados pela nosologia.

A descrição da Patemática é de momentos significativos, mas os gradientes todos devem ser considerados. Esta teoria situa momentos de significação que não são estanques, têm uma dinâmica, os gradientes e as sobreposições. São indicações de configuração. É como olhar uma gravura de Escher e ver um demônio, um anjo... Há gente que fica só com demônios. A nosologia é limitada e indicada para uma pessoa. Não é assim que deve ser o trato, pois cabe buscar as formações que lá estão. Encontraremos várias, às vezes com uma hegemônica, uma histeria dominante, por exemplo, mas o resto não está necessariamente ausente. São formações do psiquismo que comparecem com muita frequência. Já repararam que há dias em que acordamos obsessivos, outros em que ficamos muito histéricos? Há mesmo dias em que ficamos inteligentes, produtivos... Não há desenho fixo, isto é que é bacana em Escher e seu processo plástico, a gravura, é da maior fixação.

• P – *A passagem de um a outro patema seria algo como a anamorfose?*

Anamorfose não é metamorfose. Esta é a transformação de uma configuração em outra completamente diferente. Por exemplo, se você observar uma lagarta no momento certo – como, aliás, ocorreu comigo na infância –, poderá vê-la entrar em metamorfose, virar borboleta e voar. Anamorfose é quando se pratica uma deformação sobre uma figura de modo a não reconhecê-la mais. Será preciso achar o ângulo ou a recomposição certa. Uma figura desenhada sobre uma lâmina de borracha, quando esta for puxada ela entrará em anamorfose e não mais se reconhecerá a figura. Como sabem, é o caso do quadro *Os Embaixadores* (1533), de Holbein, colocado na capa do *Seminário XI* (1973), de Lacan. Temos lá a empáfia dos embaixadores com uma folha de papel enrolada jogada no chão meio em diagonal, a qual, olhada pela tangente, mostra-se como um crânio. É a morte ali introduzida sacaneando os personagens sem que percebam. Na Patemática, o que temos são: Morfozes Estacionárias na dependência de certo vigor de recalque; Morfozes Progressivas que conseguem, digamos, burlar o recalque de algum modo; e as Morfozes Regressivas que têm a mesma relação com o recalque, mas, nelas, o recalque é excessivo de tal maneira que o conjunto de formações recalcentes é tão grande que como que cobre radicalmente a formação de base que poderia ser Progressiva tornando quase que impossível chegar a ela. Isso não é metamorfose ou anamorfose, e sim da ordem do gradiente

de pressão recalcante. E mais, há pessoas Progressivas numa região de suas formações e Estacionárias em outra.

Ninguém *é*, na terminologia antiga, obsessivo, histérico, psicótico. Temos o caso famoso de John Nash considerado psicótico, mas que ganhou o prêmio Nobel da física. Ele era alguém atacado por formações regressivas, tinha alucinações, mas em seu campo de conhecimento era genial e produtivo. Não há paradoxo algum aí, são formações vizinhas, uma funcionando sem incomodar a outra. O mesmo acontece com a sexualidade: uma formação primária autossomática nada tem necessariamente a ver com a formação primária etossomática. Há que entender que, em Nash, havia uma psicose e também um Progressivo. Ele é composto de formações, não é sujeito ou animal definido algum. Por que os professores de Einstein achavam-no um menino burro? Que formações em sua cabeça estavam competindo com as formações de interesse dos professores a ponto de ele não lidar bem com aqueles interesses? Já lhes contei que quando jovem dava aula de geometria euclidiana no primeiro ano de um ginásio do estado. Certo dia, coloco o compasso no quadro, desenho um círculo, e um garoto que todos, os professores inclusive, achavam meio doidinho levanta a mão e diz: “Não dá, não é assim. O Sr. rodou o compasso e quando ele chega lá já não é o mesmo”. Ele não sabia dizer, mas era genial seu raciocínio. O que lhe disse foi que Euclides, em seu raciocínio, não considerou aquilo, e sim outra coisa.

Eu estava ensinando apenas uma forma de contar, e não uma realidade. Do ponto de vista do garoto – topológico, digamos assim –, como poderia ser o mesmo ponto se o compasso girou? Era, para ele, uma questão séria.

• Aristides Alonso – *Primeiro, o que você acaba de dizer muda a abordagem do que quer que seja que venha como formação de um aglomerado que chamamos de Pessoa. Isso tem um importante efeito clínico e muda a postura em relação às outras concepções. Segundo, à medida que você falava sobre o conhecimento, lembrei-me das questões que você abriu em Ad Rem (2008). A teoria da transa das formações implica toda a concepção da Nova Psicanálise enquanto paradigma sexual. Não há como pensar o que você está falando fora dessa ordem paradigmática. Essa transa tem o timbre do pulsional inscrito em todas as suas operações. Ao mesmo tempo, está subdita à ordem da Quebra de Simetria que vem em sucessão no processo inteiro dentro do Haver. Portanto, paradigma sexual e Quebra de Simetria são pontos de partida fundamentais para articular as questões que você traz. Terceiro, a Teoria da Informação é bem poderosa hoje e algumas vezes há confusão entre informação e conhecimento. Eu diria, então, a partir do que você vem trazendo desde o Ad Rem, que há uma diferença enorme entre os dois. Embora a Teoria da Informação seja um modelo extraído do conceito de entropia na física, não implica a ordem do sexual como a NovaMente*

coloca. Assim, a teoria do conhecimento da NovaMente, a Gnômica, é mais ampla do que a teoria da informação, a qual pode servir como ferramenta de abordagem do conceito de Formação. Ou seja, é possível, uma vez polarizada com foco e franja, tomá-la como ferramenta.

A Teoria da Informação é um caso da Teoria das Formações. Se a Teoria das Formações é um passo, ela é mais abrangente. A partir dela, é preciso entender quais são as efemérides dos elementos que compõem a teoria da informação. É algo complicado de pensar, pois são efemérides de transas que constituem até a informação. Qual é a constituição da informação? É entre as mãos de Escher.

• AA – *Já, quanto à sua concepção de conhecimento que inclui o Conhecimento Absoluto, suponho que não seja possível falar em Informação Absoluta.*

Não existe isso. Informação Absoluta é: nada. É lá em Meister Eckhart que se vai achá-la.

• AA – *Uma vez polarizado, com seu foco, aí é possível entrar com uma calculabilidade probabilística de ordem logarítmica para extrair informação.*

Dependendo da transa entre uma mão e outra. A informação também é conhecimento produzido. Como se produz uma informação?

• AA – *Na teoria da informação, parte-se da hipótese de estarmos lidando com um segmento entrópico. Segundo Shannon, a entropia é suposta ser informação, a ser mensurada para ser possível extrair seu modo de organização.*

Quero ver ele calcular.

• AA – *Por isso, é probabilística, é redução de incerteza.*

Prefiro as mãos do Escher. Qual é a resultante dessa transa agoraqui?

• AA – *Leibniz diria: calculemos!*

Pois é.

• P – *O que permite a metamorfose na transa entre as formações é a inclusão da experiência de desejo de simetria e a de Quebra de Simetria?*

Desde o início de sua exposição pública, Freud foi invectivado como pansexualista, por ver tudo no sexo. Não entenderam que Sexo é lógica. Por isso, ele entendeu de saída que a lógica da constituição das formações depende da sexualidade como função de desejo e de Quebra de Simetria. Ele disse isso com vários conceitos: castração, diferença sexual... O paradigma da psicanálise é sexual. O Haver não faz outra coisa, só faz sexo. Isso, entre os seres vivos, repercute na reprodução. Na espécie humana, ultrapassa a reprodução e vira pura sacanagem. Ou fazer ciência não é sacanagem? A experiência do Haver é: Haver quer não-Haver – como não-Haver não há, fodeu!

• PNC – *Você falou em metanoia gnoseológica. A ocorrência da polimatia poderia ser pensada a partir da Teoria das Formações e mais especificamente da ideia de aglomerado?*

O paradigma em nossa cultura se chama: Leonardo da Vinci. Ele é raro. Outros da melhor grandeza não entram nessa qualidade. Michelangelo, por exemplo, é maneirista, mas não é polímata.

• P – *Estou pensando sobre suas ideias de conhecimento metanoico e conhecimento paranoico. Em Clownagens (2009), você diz que não existe lucidez paranoica. Para Lacan, a estrutura do conhecimento é paranoica. Há algum passo a mais aí?*

Lacan diz isso porque é a estrutura do conhecimento do século XX. Sempre repito que o século XX é paranoico e o modelo tomado por Lacan é paranoico. Lacan é colega de Dalí, que falava em paranoia crítica.